O SENTIDO DE LUGAR PARA OS CATADORES-CARRINHEIROS: HABITAR ENTRE A CASA E A RUA NA CIDADE DE LONDRINA[1]

LE SENS DU LIEU POUR LES PANIEREURS-COLLECTEURS: HABITER ENTRE LA MAISON ET LA RUE DANS LA VILLE DE LONDRINA

THE SENSE OF PLACE FOR THE HAND-CART-COLLECTORS: DWELLING BETWEEN THE HOUSE AND THE STREET IN THE CITY OF LONDRINA

Deyvid Fernando dos Reis
Geógrafo Mestrando do Programa de
Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo
da Universidade Federal Fluminense.
deyvid_fernando@yahoo.com.br.

Eduardo Marandola Jr.
Geógrafo, Universidade Estadual de Campinas.
ejmarandola@gmail.com.

Lucia Helena Batista Gratão
Professora Drª Universidade
Estadual de Londrina.
lugratao@uel.br

Resumo: Tendo com pressuposto a fenomenologia enquanto abordagem filosófica em geografia, o texto aponta para as possibilidades de um trabalho de campo a partir desta abordagem e descreve a íntima relação existente entre os catadores-carrinheiros da cidade de Londrina (PR) com o lugar buscando compreender o sentido e os significados que estes, a partir de seu modo de vida, estabelecem com o mesmo. Aponta ainda para a questão da segurança/insegurança existencial desprendida a partir do movimento que os catadores-carrinheiros revelam com suas histórias de vida. Com o objetivo de despertar o olhar geográfico para questões ainda pouco exploradas o texto visa compreender a relação ontológica e existencial do homem e seu modo de vida com o espaço em que habita.

Palavras-chave: Geografia Humanista; Fenomenologia; Casa e Lar; Experiência Urbana.

Abstraite: Le sens du lieu est liée à une pause: la permanence qui distingue un point dans l'espace indifférencié. La maison, dans le sens du chez soi, est le lieu par excellence, car en plus d'être le lieu avec la plus grande densité relativement à temps et engagement, c'est aussi l'endroit où nous ancrons notre être: notre identité est liée à la maison, où il y a un contexte de familiarité dans lequel l'auto-identité et l'être sont fondées. Cette relation existentielle est vraie pour la plupart des gens dans les temps modernes. Pourtant, il y a

[1] Este artigo é baseado no trabalho monográfico O sentido de lugar para os catadores-carrinheiros da cidade de Londrina (PR), defendido em 2010 na Universidade Estadual de Londrina (REIS, 2010).

des gens qui, malgré la possession d'une maison, choisissent de vivre dans la rue, et c'est là qu'ils trouvent le sens du chez soi et la sécurité existentielle qui ne devrait être possible que dans la maison. La situation de ces gens nous fait penser à une question: quel est le sens du lieu pour eux? Comment se constituent les relations de sécurité / insécurité existentielle? Cet article analyse le sens du lieu pour les paniereurs-collecteurs dans la ville de Londrina (PR), qui habitent (au sens phénoménologique) en même temps la maison et la rue, les deux étant importantes pour le sens du lieu et de l'habiter de ces personnes. Le ballet-du--lieu et l'image de la maison constituent le sens de l'habiter, qui est la base de l'expérience géographique du lieu pour les collecteurs de matières recyclables, révélant d'autres formes d'être dans la ville contemporaine.

Mots-clés: Géographie Humaniste; Phénoménologie; Maison et Accueil; Expérience urbaine.

Abstract: The sense of place is tied to a pause: the permanence that distinguishes an undifferentiated point in space. The house, in the sense of home, is the place par excellence, because, apart from being the place with highest density in terms of time and involvement, it is also where we anchor ourselves: our identity is linked to the house, where there is a context of familiarity in which self-identity and the being are founded. As this existential relationship is true for most people in modern times, the situation of people who, although owning a house, choose to live on the street, getting from it the sense of home and the existential security which we thought was only possible in the home, raises a question: what is the sense of place for them? How are the existential security/insecurity relations formed? This article investigates the sense of place for the recyclables collectors in the city of Londrina (PR), who live (in the phenomenological sense) in the house and in the street at the same time, being both places important for these people's sense of place and dwelling. The place-ballet and the image of the house form the sense of dwelling, which is the basis of the hand-cart-collectors geographical experience of place, revealing other ways of being in the contemporary city.

Key-words: Humanistic Geography; Phenomenology; House and home; Urban experience

INTRODUÇÃO

Que geografia se revela na paisagem composta por pessoas que empurram ou puxam seus carrinhos pelas ruas, vasculhando sacos mal cheirosos à procura de algo aproveitável entre restos de alimentos e rejeitos? Qual o sentido de lugar para estas pessoas? A presença deste modo de vida se faz cada vez mais atual nas ruas de nossas cidades, reconfigurando espaços e criando lugares, como ocorre em Londrina (PR). Um olhar geográfico mais atento e profundo pode revelar o conhecimento de uma realidade ainda pouco explorada pela comunidade acadêmica e científica.

Ancorados e substanciados pela abordagem fenomenológica em geografia (RELPH, 1970, 1976, 1977, 1979; ENTRIKIN, 1980; PICKLES, 1985, 1988) delineamos a metodologia que nos permitiu a aproximação com o mundo-vivido (lebenswelt) dos "catadores--carrinheiros" acenando para a compreensão do sentido de lugar, de maneira especial a casa e a rua (DA MATA, 1985). A compreensão do sentido de lugar para "catadores-carrinheiros" se torna necessária quando buscamos a compreensão da existência destas pessoas no mundo. Neste ensejo buscamos articular o pensamento de Dardel (2011) Heidegger (2002) e de Bachelard (1989). Enquanto Dardel nos projeta para uma geografia existencial, Heidegger e Bachelard nos possibilitam compreender a relação desta existência com o mundo.

A pesquisa dialoga com a experiência de catadores-carrinheiros que trabalham no centro da cidade. Trata-se de um núcleo familiar (pai, mãe e filha) e de um homem, o que possibilitou compreendermos diferentes modo-de-ser catador-carrinheiro e os diferentes sentidos de lugar. A história de vida, seus trajetos na cidade e o sentido de casa e rua revelam formas distintas de envolvimento com a cidade, o lugar e nos conduzem a repensar o sentido de segurança atrelado à figura da casa.

CIRCUNSCREVENDO O OBJETO E O MÉTODO: OS CATADORES-CARRINHEIROS ENQUANTO MODO-DE-SER GEOGRÁFICO

Este trabalho foi motivado a partir de uma inquietação, uma curiosidade sobre a natureza espacial daqueles que vivem na rua. A casa e o sentido de lugar associado a ela parece tão forte e universal que sempre causa estranhamento àqueles que vivem na rua, sem esta fixidez que parece tão natural.

A resposta à pergunta colocada não estava em livros, ou em nenhuma estatística. Ela pode ser revelada na experiência daqueles que têm sua existência ligada a este modo de vida. A observação de tais pessoas no espaço urbano foi o primeiro momento de aproximação com eles, resultando em conversas rápidas e furtivas, nas quais logo percebemos que havia grupos diferentes que se caracterizavam pelo morar e/ou trabalhar na rua, e que no olhar não direcionado são interpretados como um único grupo.

Tendo que escolher um grupo específico para a pesquisa, para permitir um universo de sentido e atividades comum, realizamos trabalhos de campo exploratórios durante o se-

gundo semestre de 2010, no centro da cidade (local de maior concentração destas pessoas), que envolvia passagens rápidas ou mais longas, nos deslocamentos cotidianos ou em saídas específicas para reconhecimento.

Logo tais observações nos levaram ao grupo que era o mais sistemático e constante em seus lugares, horários e deslocamentos: os catadores de reciclagem e seus carrinhos grandes e pesados. Alguns personagens se apresentaram logo no início destas observações, nos permitindo ajudá-los, dialogando e permitindo o envolvimento; com um pouco de desconfiança/curiosidade, a princípio, mas estabelecendo depois uma relação de cordialidade.

Trata-se da aproximação clássica dos trabalhos etnográficos que visa estabelecer a relação do pesquisador com o grupo estudado, mas como não se trata de uma etnia ou um grupo estrangeiro, e sim de um grupo urbano, da mesma cidade e civilização, há naturalmente outros elementos que mediam esta relação (CARDOSO, 1985; ZALUAR, 1985).

Mas a aproximação com uma pesquisa etnográfica não vai além da estratégia de envolvimento. A partir do esteio metodológico da fenomenologia, tal como trabalhado pela geografia humanista (GRATÃO, 2002; MARANDOLA JR., 2008b,c; HOLZER, 1998, 2010), a prioridade é a compreensão das relações espaciais reveladas pela experiência. Isto envolve tanto compreender a intersubjetividade quanto as relações puras estabelecidas com os lugares, revelados ao mesmo tempo pela materialidade (os corpos em movimento no espaço) quanto pela narrativa, que não é analisada em termos de discurso, mas em termos de revelação existencial.

Este envolvimento do pesquisador com as pessoas, portanto, não se limita às entrevistas abertas2, que foram realizadas, mas se estendem por todas as conversas e experiência intersubjetiva do próprio pesquisador. Mas diferente da prática de imersão total no cotidiano, a corporeidade expressa pelo deslocar-se e o ser-e-estar no espaço urbano é que se revelou enquanto essencial-existencial e ao mesmo tempo mediador com o lugar e na sua diferenciação diante de outros grupos.

Em termos de catadores-coletores, podemos identificar duas categorias distintas e bem definidas. A primeira, dos coletores vinculados a cooperativas de reciclagem, que são facilmente identificados por andarem uniformizados e utilizarem seus carrinhos elétricos. São divididos pelas ruas do centro da cidade de Londrina, recolhendo material para reciclagem já todo separado dos rejeitos e orgânicos. Estes coletam os sacos verdes destinados somente a materiais recicláveis e levam para a cooperativa para estocagem e venda. Comumente são pessoas que aderiram recentemente a este tipo de trabalho. A segunda categoria se refere aos catadores autônomos, que coletam o material de caçambas de entulhos, dos lixos de sacos pretos que contém além de reciclagem rejeitos e lixo orgânico e também de alguns prédios e comércios. Os catadores autônomos, na sua grande maioria são pessoas que há muito tempo vivem neste modo-de-vida, ou são filhos de catadores. A estes chamamos de catadores-carrinheiros.

[2] As conversas não foram gravadas de modo a não interferirmos nos relatos dos sujeitos que se sentiriam incomodados com o gravador. As anotações eram feitas de maneiras alternadas, que dependiam da pessoa a ser entrevistada, uns não se importavam, outros se calavam diante da caneta e do papel.

"Catadores-carrinheiros" expressa o próprio modo-de-vida, diferenciando-os de outras categorias como catadores de papel, coletores de reciclagem ou catadores de lixo, investigados por outros estudos (KEMP; CRIVELLARI, 2008; FRANGELLA, 2009). Diferente de trabalhadores ligados a cooperativas, os catadores-carrinheiros não pegam somente material reciclável. Eles vasculham os lixos e pegam tudo que possa lhes ser útil: uma tábua velha que sirva para arrumar o estrado quebrado da cama, restos de alimento em restaurantes que servirá de alimento para ele, para a família e ainda tratar dos animais. Por outro lado, a adjetivação de carrinheiro aparece pela importância que o carrinho tem na sua corporeidade e deslocamento na cidade, destacam-se como identidade do catador. Estar com roupas velhas e surradas é parte desta identidade, porém, vários outros que não os catadores-carrinheiros usam roupas velhas e surradas; pegar "lixo" faz parte deste modo-de-ser, mas existem outras pessoas que pegam "lixo" e não são catadores-carrinheiros. Se um morador de rua pega papel pela rua sem um carrinho, este é simplesmente um morador de rua. No entanto, se este tem um carrinho ele é identificado como um catador. Ter um carrinho, puxá-lo ou empurrá-lo pegando "lixo" é parte do modo-de-ser catador-carrinheiro, identificando-o no espaço urbano.

O termo catador-carrinheiro expressa um movimento próprio de seu modo-de-ser, a rotina dos movimentos diários de seus corpos configura o que Seamon (1980) chama de balé-do-corpo (body-ballet) dando origem ao balé-do-lugar (place-ballet). O balé-do-corpo é "a set of integrated behaviors which sustain a particular task or aim", e o balé-do-lugar é "a fusion of many time-space routines and body-ballet in terms of place" (SEAMON, 1980, p. 157-159). Assim, o balé-do-corpo do catador-carrinheiro se dá em sua rotina de puxar o carrinho pela cidade, recolher o material que encontra e com grande habilidade colocar tudo dentro do carrinho. Este movimento repetido diariamente e repetidamente nos mesmos lugares possibilita a edificação do balé–do-corpo entre os lugares, compondo assim, o balé-dos-lugares dos catadores-carrinheiros.

O lugar é o espaço constituído por sentimentos e valores individuais ou coletivos que se integram e são formados a partir da pausa no movimento pelo espaço (TUAN, 1983), como a distinção de Dardel (1990) entre o espaço geográfico (vivido) e o espaço geométrico (medido).

O ser humano se constitui enquanto ser geográfico à medida que examina de alguma forma o mundo ao redor de si (LOWENTHAL, 1982, p.15) e expressa o que Dardel (1990) chamou de geograficidade (géographicité), revelando o balé-do-corpo e do lugar que constitui seu modo-de-ser (SEAMON, 1980).

Neste trabalho nos preocupamos em compreender qual sentido tem os lugares construídos a partir da corporeidade dos catadores-carrinheiros, ou seja, do movimento de seus corpos pelo espaço que marca tempo/espacialmente os mesmo fazendo com que as relações se dêem de forma cada vez mais intensa.

A abordagem fenomenológica em geografia fundamentou nossa pesquisa sustentando e dando forma às metodologias empregadas. Assim, a pesquisa pautou-se em entre-

vistas semiabertas (GOLDEMBERG, 1997) onde direcionávamos o caminho através de uma fala ou pergunta e o conversante "caminhava com suas próprias pernas", dizendo aquilo que queria dizer, e nós nos substanciávamos com aquilo que de fato embasaria nosso trabalho, no entanto, anotávamos tudo que podíamos em nosso diário de campo, todas as impressões, expressões e falas. Posteriormente nosso diário de campo foi lapidado e absorvido no trabalho. Chamamos nossas anotações em campo de diário de campo, pois a forma com redigimos o mesmo se dá como um diário no seu sentido stricto senso, procuramos descrever não só o que é colocado pelos nossos conversantes, como também tudo que é observado e percebido pelo pesquisador no contexto do campo (GRATÃO, 2002; MARANDOLA JR., 2008b).

As entrevistas aconteceram tanto em campos exploratórios como em campos operatórios (MARANDOLA JR., 2008b,c). O primeiro é o campo onde anotamos conversas, impressões e percepções nossas e de nossos conversantes. Quando saímos para os campos exploratórios nos encontramos em uma atitude natural. Esta atitude é quando "estamos imersos em nossa postura original, orientada para o mundo, quando intencionamos coisas, situações, fatos e quaisquer outros tipos de objetos" (SAKOLOWSKI, 2004, p.170).

Nos campos exploratórios saímos para conversas casuais, percorremos lugares, observamos paisagens, para que os lugares se revelem em si mesmos; anotando todas intencionalidades que a experiência do campo permitir.

> Quando experienciamos outras pessoas, árvores, edifícios, gatos, pedras, o sol e as estrelas, nós as experienciamos como sendo aí, como verdadeiros, como reais. O caráter básico, o modo padrão de nossa aceitação do mundo e das coisas nele é de uma crença ou, para usar um termo grego, dóxa (SAKOLOWSKI, 2004, p.54).

Na experiência dos campos exploratórios somos levados pela intuição às verdades descobertas, mesmo que no decorrer do campo nos aprofundemos em rejeições, dúvidas, probabilidades entre outras possibilidades dóxas que nossa intencionalidade possa assumir e que serão suspensas posteriormente na preparação e execução dos campos operacionais.

A verdade da descoberta é a forma elementar simples de verdade, que independe a aceitação ou a negação; ela simplesmente "é" como se dá, é simplesmente a exposição de um dado estado das coisas. É o objeto inteligível da forma como se apresenta para nós diante da experiência e da percepção. Quando eu olho para um catador-carrinheiro e vejo que seu carrinho já está cheio, a verdade já esta contida aí, na simples descoberta. Não precisamos antecipar o carrinho como cheio; a experiência que tivemos "não é uma tentativa de confirmar ou negar uma proposição que tivemos cogitado. Não estamos lidando com a verdade da exatidão, mas com a verdade mais elementar da simples descoberta" (SAKOLOWSKI, 2004, p.170, grifo nosso).

A verdade da exatidão é a verdade do raciocínio com base no pensamento cartesiano; temos uma preposição e esta pode ser negada ou aceita dependendo de averiguação. Esta verdade é revelada, principalmente nos campos operacionais que consiste em fazer releituras

do diário de campo, levantando proposições e problematizando a partir do que vivenciamos e percebemos, ou seja, a partir do que intencionamos. Neste momento estamos saindo da atitude natural, passando para a atitude fenomenológica.

Esta atitude é a condição onde suspendemos nossas crenças e intencionalidades, buscando as coisas como elas verdadeiramente são. Suspender nossas crenças e intencionalidades não significa que começamos a duvidar delas, mas que "mudamos da, digamos, asseveração dóxa para a dúvida. Não mudamos nossas intencionalidades, guardamo-las como elas são, mas as contemplamos. Se as contemplamos não as exercemos naquele momento" (SAKOLONKI, 2000, p.57).

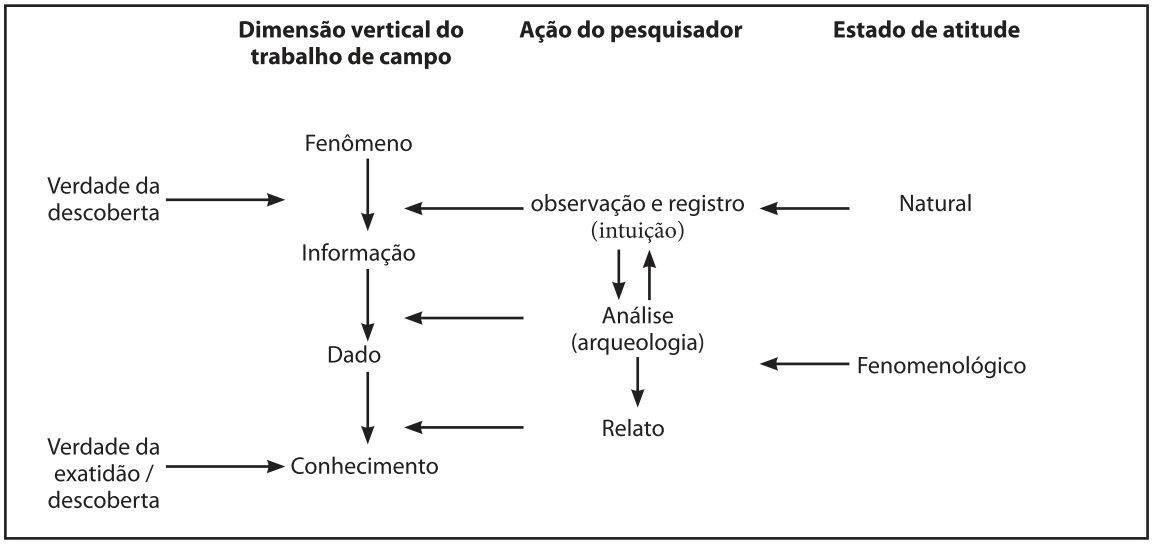
A busca das coisas como são, é arqueologia fenomenológica. Esta é a escavação das intenções e do conhecimento imediato à procura das essências que possam ser reveladas nas descrições dos diários de campo.

> As primeiras descrições dos lugares feitas pelos antigos geógrafos não se tornaram os conhecimentos últimos sobre aqueles lugares; a estas se seguiram muitos estudos e pesquisas. De maneira similar, a descrição serve a arqueologia fenomenológica como forma de organizar 'o material empírico' de pesquisa, como a maneira que temos de 'escavar' a existência e retirar dela os elementos que, posteriormente, receberão nossa análise e reflexão, em busca dos significados. (MARANDOLA JR., 2005, p. 74, grifo nosso)

É através destas escavações que chegamos às coisas como verdadeiramente elas são e se revelam no mundo. A busca destas coisas é o que chamamos de atitude fenomenológica. Nesta atitude podemos nos esbarrar tanto em verdades descobertas como em verdades da exatidão.

Toda metodologia descrita compõe, de maneira resumida, o esquema da Figura 1, expondo o processo do trabalho de campo que nos permitiu compreender o sentido dos lugares para os catadores-carrinheiros revelados no seu modo-de-ser e habitar.

Figura 1 – O trabalho de campo entendido fenomenologicamente



Fonte: Reis (2010, p.32).

DA CASA PARA RUA. DA RUA PARA CASA

Como pensar o movimento feito pelos catadores-carrinheiros, marcado por suas histórias de vida, como veremos adiante, em um devir da casa para rua, da rua para casa ou ainda entre a casa e a rua? Eric Dardel, em sua obra clássica O Homem e a Terra (DARDEL, 2011), descreve a profunda relação afetiva e entranhada que o homem mantém com o mundo, com a natureza. Para o autor, sujeito e objeto estão intimamente ligados; em uma perspectiva fenomenológica nem o mundo nem o sujeito podem ser pensados em separado. Desta maneira, Dardel envolve-se em uma geografia de significados poéticos permeados pelo imaginário e pela imaginação humana. Para ele o espaço geográfico não é um espaço em branco a ser colorido, é o espaço onde o homem mantém uma relação conscientemente íntima com a Terra, se complementando e se refazendo a partir de sua condição terrestre.

> A geografia não é, de início, um conhecimento; a realidade geográfica não é, então, um "objeto" ; o espaço geográfico não é um espaço em branco a ser preenchido a seguir com colorido A ciência geográfica pressupõe que o mundo seja conhecido geograficamente, que o homem se sinta e se saiba ligado à Terra como um ser chamado a se realizar em sua condição terrestre. (DARDEL, 2011, p.33).

O espaço geográfico não é apenas um espaço a ser mapeado, nem o espaço simplesmente relacional da geometria, frio e sem sentimentos. Pelo contrário, é o espaço da existência humana, compondo-se como um espaço substantivo e não adjetivo; é o mundo da existência dos lugares que rearranjam as dimensões do conhecimento, é o mundo-vivido (lebenswelt) delineado pelo existir humano.

Olhando para o espaço geográfico de Dardel nos deparamos com um centro de intensidade relacional: a casa (no sentido de lar). Bollnow (2000, p.133) afirma que o homem necessariamente precisa estar enraizado em um centro a partir do qual partam todas as suas relações: um lugar, no seu mundo, para onde sempre pode voltar. Neste sentido, a casa se apresenta como símbolo, sentido e significado, como centro de toda distância.

Este centro, para o homem mítico, não era a casa, mas toda a Terra enquanto centro do universo. Para ele, portanto, não existia problemas quanto aos lugares de habitar. Contudo, com o domínio objetivista aportando sobre o misticismo, a Terra deixa de ser o centro do universo e o homem perde seu eixo, e com isso aparece o "perigo do desenraizamento. O homem se vê sem pátria sobre a Terra", pois já não está espacialmente ligado a lugar algum e "isso é, de fato, o perigo do homem moderno" (BOLLNOW, 2000, p.134). Construir e habitar a casa como centro de toda distância se torna fundamentalmente tarefa necessária para que o homem desenraizado encontre novamente um eixo, um centro. Martin Heidegger afirma que construir e habitar está intimamente ligado à existência humana, "ser homem consiste em habitar, e isso no sentido de um demorar-se sobre a terra" (HEIDEGGER, 2001, p.131), assim à medida que o homem habita ele constrói seus lugares.

Retornando para a rivalidade dinâmica entre a casa e o universo, descrita por Bollnow, podemos afirmar que estamos longe de qualquer referência às simples formas geométricas,

neste sentido a casa é vivida como devir e não como um objeto estático, frio e sem vida: "o espaço habitado transcende o espaço geométrico" (BACHELARD, 1989, p. 62). A casa se torna um espaço dinâmico, de onde partem e para onde retornam todos os movimentos.

A casa é o lugar onde as pausas e a intensidade das relações são maiores, lugar que nos remete a privacidade: "é o espaço da calma, do repouso, recuperação e hospitalidade, enfim, de tudo aquilo que define nossa ideia de 'amor', 'carinho' e 'calor humano'" (DA MATTA, 1985, p.57).

A casa é lugar por essência, onde as pausas e a intensidade relacional se dão de maneira mais intensa. No entanto, não podemos limitar a casa a um edifício físico de paredes, portas e janelas. Se assim fosse os moradores de rua estariam destinados à agitação, sem um ponto de referência, vivendo a transitoriedade constante, o que não é verdade, pois muitos transformam espaços nas ruas em lugares e muitos destes lugares são tão intensos quanto aos que temos por nossa casa. Falamos aqui de casa no seu sentido pleno de lar. Portanto, afirmar que muitas casas são edificadas de sentimentos e valores não é uma afirmação romanceada e idealista, pelo contrário, é objetivo e concreto, assim como são os lugares dos catadores-carrinheiros.

O mundo vivido (lebenswelt) dos catadores-carrinheiros, marcado pela corporeidade entre a casa e a rua, se revelou nas histórias familiares de Barba, Jacira, Ivone e Alfredo, nossos conversantes na pesquisa. O mundo vivido envolve não só o cotidiano dos catadores--carrinheiros, como também seus sonhos e anseios; é o "mundo onde a consciência é revelada", cheio de valores e sentimentos que está "ancorado num passado e direcionado para um futuro; é um horizonte compartilhado, embora cada indivíduo possa construí-lo de um modo singularmente pessoal" (BUTTIMER, 1982, p.172), se delineando à medida que este habita o mundo.

As histórias de vida revelam o mundo particular de cada catador-carrinheiro delimitado por suas experiências cotidianas e marcadas temporal e espacialmente.

Essas histórias foram sendo reveladas a partir de nossas conversas com os catadores--carrinheiros. Entre nossos conversantes estão alguns integrantes de um núcleo familiar que residiam em Guarapuava, cidade da região centro-sul do Estado do Paraná. Barba e Jacira eram casados e moravam em casa alugada. Ele era pedreiro e ela dona de casa, tinham oito filhos, três de Barba em outro casamento, três de Jacira em outro e dois filhos em comum, Jair e Ivone (outra de nossas conversantes).

Em busca de condições melhores de vida saíram de Guarapuava em direção à cidade de Londrina, no entanto, ao chegarem na cidade as condições que encontraram foram totalmente diferentes das que sonharam. Sem um lugar para morar, sem emprego, sem dinheiro e com uma família para sustentar, foram morar pelas ruas da cidade, sobrevivendo da venda de "sucatas" que recolhiam pelas ruas.

Após dois anos morando pelas ruas foram morar em uma casa, cujo aluguel era pago por uma pessoa que se compadeceu com a situação da família. Durante quatro anos permaneceram nesta casa, alguns filhos voltaram para Guarapuava, outros foram se estabelecendo em outras casas e formando família. Após este período Barba, Jacira, Ivone e Jair se mudaram para outra casa doada pela mesma pessoa que lhes pagava o aluguel.

Nesta casa permaneceram pouco tempo, brigas e discussões causaram a separação do casal que a venderam. Barba foi "morar" com uma filha no Conjunto Habitacional União da Vitória 2 e Jacira e Jair voltaram para ruas. Após algum tempo Jacira se juntou com outro companheiro e Ivone foi para a cidade de Ponta Grossa (PR).

Jacira permaneceu nas ruas por três anos. Após a morte no novo companheiro foi para casa que Barba morava. Neste período já morava sozinho, pois a filha se casou e estabeleceu família em Guarapuava.

Ivone, que tinha se casado e tido um filho em Ponta Grossa se separou e voltou para morar na casa do Conjunto Habitacional União da Vitória 2, trazendo a criança. Ali permaneceu até que se juntou com outro companheiro e foi morar no União da Vitória 5.

Além de alguns integrantes do núcleo familiar conversamos com Alfredo que também possui uma história de vida marcada por migração. Este foi para Londrina em busca de melhores condições de vida. Conseguiu comprar uma casa com o dinheiro do tempo de serviço que tinha trabalhando como caseiro em uma chácara, próximo ao município de Primeiro de Maio (PR). Quando chegou a Londrina trabalhava nas lavouras agrícolas da região, porém os empregos que conseguia eram temporários e foram ficando cada vez mais escassos. A alternativa que encontrou para sobreviver foi recolher sucatas e com este trabalho sustenta há vinte anos a esposa e os filhos.

O movimento que Barba, Jacira e Alfredo fizeram é o mesmo: deixam a segurança da casa em direção à insegurança das ruas. Os primeiros deixaram sua casa em Guarapuava para habitar as ruas de Londrina. O segundo deixa o trabalho em casa (caseiro de chácara) e na lavoura para o trabalho nas ruas onde passa boa parte do seu dia. Portanto, o movimento executado por todos é o da casa para rua, deixam a terra onde constituíram uma história

Nas histórias de vida de nossos conversantes é revelado um rompimento espaço/existencial, pois quando saem de um lugar e seguem para outro, este movimento não é simplesmente um deslocamento físico, mas também o rompimento das relações estruturadas a partir da experiência. Este rompimento é acentuado quando se considera que, no caso do núcleo familiar, que saíram de sua casa, deixando para trás todo simbolismo e significado construídos a partir dela, e foram morar nas ruas da cidade de Londrina. No caso de Alfredo que trabalhava no mesmo local que morava, rompe com essa relação e em Londrina vive a maior parte do tempo trabalhando na rua.

Ao tratarmos do movimento feito pelos catadores-carrinheiros da casa para a rua, abordarmos a questão da segurança e insegurança desta transitoriedade. Neste ensejo a indagação

que se evidencia é a de que como os catadores-carrinheiros estabelecem as relações espaciais ontologicamente necessárias para a existência e a segurança existencial?

HABITANDO O LUGAR: SEGURANÇA E INSEGURANÇA

Viver e experienciar as ruas foi um dos fatores que contribuiu para alguns conflitos ontológicos de Barba e Jacira, que hoje vivem a transitoriedade casa/rua rotineiramente. Ao deixarem a casa para morar nas ruas rompem com os elementos responsáveis pela constituição de uma segurança ontológica, tendo a ardorosa tarefa de reconstruí-los a partir de uma outra esfera de vida com o objetivo de estabelecer vínculos espaço/existenciais que lhes remetam novamente à segurança (GIDDENS, 2002).

Barba durante os dias da semana dorme na rua, após seu almoço faz sua sesta na esquina da avenida Rio de Janeiro com a rua Piauí, no centro de Londrina, ao entardecer encosta seu carrinho em frente ao velho prédio da Associação Médica de Londrina para passar a noite como representa o mapa da Figura 2. Seu carrinho se transforma em abrigo e proteção contra as possíveis intempéries do clima. Aos finais de semana vai para sua casa no conjunto União da Vitória 2, onde troca as roupas e toma banho. Afirma que sua casa é muito longe do trabalho e que já está velho para caminhar todos os dias de casa até o trabalho, por isso prefere dormir na rua e retornar para casa somente nos finais de semana.

Figura 2 – Lugares e percursos dos catadores-carrinheiros



Fonte: Elaborado por Deyvid Fernando dos Reis

Jacira, ao contrário de Barba, dorme em sua casa nos dias de semana e finais de semana dorme pelas ruas e bares da cidade. Chega para trabalhar por volta das oito horas, pega seu carrinho que deixa guardado no depósito onde compra e vende sucatas, localizado próximo à região do centro. Ao final da tarde volta ao depósito para vender o que conseguiu pegar durante o dia, ou simplesmente guarda o carrinho para pegá-lo no dia seguinte. No entanto, Barba e Jacira se encontram diariamente durante o trabalho deixando transparecer um sentimento de cuidado e preocupação um para com o outro.

Alfredo pode não viver literalmente a transitoriedade entre a casa e rua como vivem Barba e Jacira, mas através de suas revelações nota-se a forte ligação que este mantém com a rua, falando nesta com mais carinho e afeição às vezes do que na própria casa.

Quando o ser humano estabelece relações com o ambiente, experienciando e vivenciando com intensidades que extrapolam a "normalidade", marcando existencialmente o ambiente, cria-se uma relação de segurança sustentado por um sentimento de pertencimento, onde o lugar se configura como o mais significativo (MARANDOLA JR., 2008c, p. 45-46). Quando Barba, Jacira e Alfredo estabeleceram tais relações com a rua esta deixa de representar a insegurança que inicialmente poderia retratar. O movimento é o de extensão do núcleo de segurança representado pela casa. Este núcleo é um "mundo circundante" (MARANDOLA JR., 2008c, p. 42) que é transportado como a concha de um caramujo.

> A proteção que gozamos nesses lugares é estendida à medida que ampliamos nosso espaço de vida, durante o ciclo vital. A base para tal ampliação é o conhecimento que adquirimos experiencialmente. À medida que experienciamos outros espaços (o que é evidentemente um expor-se a perigos), conquistamos alguns deles, por assim dizer, incorporando-os ao nosso território, entendido numa leitura cultural como o conjunto articulado de lugares e itinerários sobre os quais exercemos algum tipo de domínio (MARANDOLA JR., 2008c, p. 46).

Barba constrói seus lugares, uns mais intensos, outros menos, como é o caso do seu lugar de descanso após o almoço, na esquina da rua Piauí com a av. Rio de Janeiro ao meio dia, assim como a frente do centro da Associação Médica de Londrina na praça da concha acústica na rua Piauí, onde passa as noites. Estes lugares podem parecer movimentados demais para alguém utilizá-los como um lugar de descanso, no entanto Barba consegue ver neste lugar as circunstâncias ideais para seu descanso, o que torna a relação estabelecida entre ele e o lugar diferente.

Essencialmente, a casa, nos remete ao sentido de proteção e segurança, no entanto a intensidade e a proporção destes sentidos são estabelecidos a partir da relação que se mantém. Bachelard (1989, p.32-33) afirma que não adianta dar a alguém a planta de uma morada, se só quem viveu aquele lugar com intensidade tal, poderá descrever as dores e as angústias vividas ali e a sensação da paisagem que se vê pela janela. Se um cantinho na praça da concha acústica é para Barba um lugar que tem o mesmo significado que uma casa, isso vale somente para ele, pois somente ele viveu e experienciou aquele lugar, de tal forma a transformá-la no que esta representa para ele.

Ao contrário da casa, encontramos o simbolismo da rua, lugar onde as pausas e a intensidade das relações são menores. "Terra que pertence ao 'governo' ou ao 'povo' e que está sempre repleta de fluidez e movimento. A rua é local perigoso" (DA MATTA, 1985, p. 57).

No entanto, isso não significa que a rua não possa ter os mesmos valores que a casa. Como os catadores-carrinheiros passam boa parte do tempo experienciado as ruas da cidade, esta acaba ganhando significados referentes aos que se tem pela casa, como já vimos. Mas há consequências, pois o esforço e energia para isso são maiores.

Casa e rua aparecem como duas faces diferentes na mesma experiência. Ambas substanciam a paisagem urbana a partir da experiência vivida cotidianamente. Quando os catadores-carrinheiros se apropriam da rua por meio da experiência vivida no seu cotidiano, esta ganha novo significado e sentido em relação às outras pessoas que a têm no seu sentido de passagem, trânsito e mobilidade. O que projeta este novo significado a partir da experiência? Quando as ruas são experienciadas intensamente na cotidianidade dos catadores-carrinheiros, estes projetam seu mundo circundante, estabelecendo assim, uma nova perspectiva de relação.

É possível encontrarmos catadores-carrinheiros que, mesmo possuindo uma casa, dormem na rua, pois as relações estabelecidas com a rua não se dá a parir da relação de fluidez, movimento e perigo, que a rua simboliza, mas de uma situação em que o catador-carrinheiro estabelece nela o seu mundo circundante. Mesmo levando em conta que muitos dormem na rua por motivos de inviabilidade, a casa é muito longe do centro ou do lugar onde trabalham e gastariam muito tempo indo e vindo. Pois, se as ruas lhes projetassem tanta insegurança teriam outras opções de realizar seu trabalho sem ter que dormir ali, como é o caso de Jacira e Ivone que dormem em suas casas e moram na mesma região de Barba, que prefere dormir na rua.

Devemos compreender que a rua não deixou de simbolizar um espaço que remeta à insegurança, à mobilidade e à fluidez, mas para a pessoa que a experiencia de maneira intensa, um determinado lugar desta rua, e de todos os outros lugares que acabam por se congregar a estes, deixa de significar perigo e insegurança.

A casa e a rua aparecem como lugares de grande intensidade e valor para os catadores-carrinheiros, sendo construídos à medida de sua existência, ou seja, à medida que habitam e como habitam, no sentido heideggeriano do termo. Ao refletir sobre a essência dos conceitos de construir e habitar, Heidegger (2001, p. 129-134) afirma que "habitar é construir desde que preserve nas coisas a quadratura". A quadratura para Heidegger são os sentidos básicos que compõe o habitar, o divino/mortal/céu/terra. A terra voltasse-se às relações telúricas como o momento certo para plantar, para colher, para trabalhar; o céu direciona-se para as conjunturas do tempo, noite, dia, as estações do ano; os deuses projeta-se como motivações, o alento diário; e os mortais apresentam-se no viver a comunidade, viver entre outros (HEIDEGGER, 2001,p. 129-134). Durante o fenômeno da habitação somos acometidos por estâncias e circunstâncias, estas por sua vez propiciam o lugar, portanto, construímos nossos lugares à medida que habitamos,

> A ponte é, sem dúvida, uma coisa com características próprias. Ela reúne integrando a quadratura de tal modo que lhe propicia estância e circunstância. Mas somente isso que em si mesmo é um lugar, pode dar espaço a uma estância e circunstância. O lugar não está simplesmente dado antes da ponte. Sem dúvida, antes da ponte existir, existem ao longo do rio muitas posições que podem ser ocupadas por alguma coisa. Dentre essas muitas posições, uma pode se tornar um lugar. É da própria ponte que surge um lugar. [...] A partir dessa estância e circunstância determinam-se os lugares e os caminhos pelos quais se arruma, se dá espaço a um espaço. Coisas, que desse modo são lugares, são coisas que propiciam a cada vez espaços. (HEIDEGGER, 2001, p. 133-134 – grifos nossos)

Os conceitos colocados por Heidegger estão relacionados um ao espaço e outro ao tempo. Enquanto a estância se projeta no/para o espaço, lugar propício para algo; a circunstância se projeta no tempo, é o momento propício a ou para algo. Portanto a estância e a circunstância são o momento e lugar ideal para realização de terminada "coisa".

Tomando o exemplo da ponte de Heidegger, podemos estabelecer que a rua a partir de suas estâncias e circunstâncias propiciam a quadratura que compõe o lugar. Por exemplo, é da rua que tiram o seu sustento, é onde estão expostos às intempéries do clima, onde se aproximam do sagrado, onde se reconhecem como vivos. Este espaço da quadratura propicia uma reunião de outros lugares; lugar do sustento; do sofrimento; da sacralidade e lugar da identidade. É o sustento da família de Alfredo e Ivone e o sustento de Barba e Jacira. É o sofrimento de Jacira ao puxar seu carrinho pela rua Piauí acima e o lugar onde Barba encontra a igreja para pedir ajuda ao seu Deus para que este lhe ajude no momento de doença.

Os espaços são compostos por casas que carregam todo um simbolismo, um sentimento e uma mítica. A afetividade e o enraizamento são estâncias e circunstâncias que acompanham a casa. No entanto, cada lugar se configura a significar algo ou alguma coisa a alguém, diferenciando-se pela maneira com que esta pessoa se relaciona, vivencia e experiencia este lugar. Pela maneira que habitam as pessoas constroem lugares que são a casa, as ruas e todos os outros lugares congregados a eles cheios de significados, valores e sentimentos.

A estância e a circunstância estão intimamente congregadas à segurança (presença) e à insegurança (ausência) existencial. O que não propicia a quadratura, segundo Heidegger, está ausente de estância e circunstância, ou seja, habita-se de forma que as coisas acontecem em momentos e lugares não propícios para realização de tais coisas, o que gera uma sensação de insegurança. No entanto, se a quadratura aparece em nosso habitar, estamos congregados às estâncias e às circunstâncias desse habitar, o que nos aquiesce de segurança existencial.

Desta forma, a partir da maneira que habitamos, somos tomados por elementos que nos remete à segurança e insegurança ontológica. No entanto, não podemos restringir o habitar somente ao ato de morarmos em uma residência, mas compreender que este envolve

> o demorar-se (a pausa necessária ao envolvimento) e o resguardo tanto dos mortais quanto da Terra (além dos deuses e do céu). Mais importante, no entanto, é que habitar é o modo essencial de ser e estar dos mortais sobre a Terra, ou seja, a relação homem/lugar é um habitar a partir de um construir. Mas que construir é esse? O construir das relações que

> garantem às pessoas, ao indivíduo, à terra e ao lugar continuarem sendo. Todas as atividades que envolvem esse cultivar e esse crescimento estão envolvidas no construir que, por sua vez, é o próprio habitar. O habitar, portanto, é o modo próprio de o homem ser e estar no mundo (MARANDOLA JR., 2008, p. 48).

Assim, quando pensamos a rua enquanto lugar do sustento, a circunstância e estância que pode ser admitida é a necessidade da comida, da conta de água e energia elétrica sem pagar, do material escolar das crianças. Ou ainda, a rua enquanto lugar sagrado, congrega a estância e a circunstância na doença de Barba, que o fazia todos os dias procurar os lugares de oração para pedir ajuda para sua debilidade física.

Mesmo nas dificuldades se vivemos a estância e a circunstância a quadratura se realiza em nosso modo-se-ser e então o habitar acontece permeado de segurança.

VOLTANDO PARA CASA?

Nestas trajetórias, é nítido o movimento dos catadores-carrinheiros em que saem da casa e vão morar nas ruas; da rua voltam para casa. Ao voltarem para casa vivem a transitoriedade entre a casa e a rua. A questão que se levanta aqui é: ao saírem da rua e retornarem, estão retornando para casa? Se sim, porque Barba e Jacira permanecem em uma transitoriedade entre a casa e a rua? A rua não se tornou casa para Barba e Jacira durante o tempo que nela viveram? Alfredo ao retornar para casa após longas tardes de trabalho está voltando para casa? A rua, local de apreço e sentimento não seria a extensão de sua própria casa? Não seria também seu mundo circundante?

Quando se diz que durante a semana Barba permanecia na rua, deve-se ressaltar que ele permanecia na rua e não pelas ruas, pois não eram quaisquer espaços que frequentava, não eram quaisquer lugares: eram os seus lugares, os espaços de pausas e permanências que ganharam significados e valores como observado se retornarmos ao mapa da figura 2.

A esquina entre a rua Rio de Janeiro e a Piauí era seu lugar, onde gostava de ficar após o almoço, o lugar da sesta tão necessária para suportar o resto do duro dia de trabalho. Permanecia ali por trinta ou quarenta minutos todos os dias da semana, entre 11h e 12h. Portanto, é este o lugar para onde vai (ou para onde volta) todos os dias para seu merecido descanso no meio do dia.

A frente do prédio da Associação Médica de Londrina é o lugar onde Barba passava todas as noites. Não era simplesmente uma fachada que servia de abrigo, era um espaço que se tornou casa, que representava proteção, aconchego, privacidade e outros valores e significados associados à ideia/imagem da casa enquanto lar (BACHELARD, 1989; BOLLNOW, 2000) que estava presente na relação de Barba com este lugar.

Era para frente do prédio da Associação Médica que retornava após horas de trabalho. O retorno era como o de quem retorna para casa, pois fez daquele pedaço e naquele espaço sua casa. E isto é evidente na sua maneira de falar do lugar e de se relacionar com ele.

Quando Barba adoeceu e na sua debilidade física ficou impedido de continuar seu trabalho, mesmo sem trabalhar continuou frequentando aqueles lugares, mesmo contra indicação médica e da família. Barba deixou aqueles lugares somente na noite em que veio a falecer e ainda deixou muito contrariado, segundo relato da família.

Barba tinha sua casa física, de paredes, portas e janelas e esta lhe era significativa e valorosa, mas não era mais do que a que construiu com o cotidiano, com a vivência nas ruas do centro da cidade de Londrina. Ao afirmamos que Barba retornava para casa nos finais de semana para tomar banho e trocar as roupas sujas, não se deve pensar que o movimento que faz é da rua para casa, e sim da casa para casa.

Para Jacira, a casa física com paredes, portas e janelas no conjunto habitacional União da Vitória 5 é mais importante e mais significativo que a rua. O que nem sempre foi assim. Jacira já preferiu viver nas ruas ao morar em uma casa. E isto está incrustado em seu ser, pois atualmente deixa sua casa nos finais de semana para viver a rua e seu modo-de-vida, o que inclui o uso de álcool. Se nos finais de semana as ruas se tornam a casa de Jacira, como pensar o retorno desta para casa no União da Vitória nos dias de semana, é um retorno da rua para casa, ou de casa para casa?

Tratando dessa transitoriedade entre a rua e a casa, Ivone, filha de Barba e Jacira, revela através de sua história de vida que existem fatos que contribuem para o fim da transitoriedade, direcionando para um enraizamento. Ivone fala com muito carinho da rua, chegando a dizer que "por ela ficava na rua mesmo", mas que não fica por que tem filho para cuidar e a rua não é lugar para eles. Por que a rua não seria lugar para eles? Ivone viveu na rua e a conhece intimamente, "meus filhos foram criados dentro de casa e não sabem o que é viver por aí", Ivone conhece a rua e sabe que viver ali é viver em uma linha tênue entre a liberdade do descompromisso e o perigo da marginalidade. Portanto, no caso de Ivone os filhos contribuíram para seu enraizamento, deixando para trás a vida nas ruas, que hoje está resumida ao trabalho e a memória viva e saudosa de tempos passados.

Alfredo passa boa parte de seu dia nas ruas do centro de Londrina, nutre por esta um sentimento de carinho e pertencimento, transparecido em suas falas. A casa física de Alfredo, lugar que retorna após sua jornada de trabalho nas ruas, é também um local de trabalho, pois é para onde leva todo o material para triagem e estocagem. Portanto, assim como a rua, a casa é também lugar do trabalho. E o movimento da rua para a casa não seria um retorno à casa, enquanto edificação com paredes, portas e janelas? Pois a rua não seria extensão desta casa e o retorno não seria somente à edificação? Ou seja, a rua é a extensão de sua casa, seu quintal e o movimento se dá deste, ao abrigo das paredes de alvenaria da casa edificada.

Na experiência da volta dos catadores para casa se dá o retorno do pesquisador. No momento da pesquisa a rua é nosso lar, nossa seguridade. Ampliamos nosso mundo circundante estabelecendo novas relações de confiança básica mergulhando no modo-de-ser catador-carrinheiro e partilhando de seus valores, de seus símbolos e de seus lugares em busca de uma geografia embrenhada no próprio ato de viver,

> [...] uma geografia que não faz da vida uma paisagem empobrecida em suas partes cartografáveis, mas sim uma geografia que busque o sentido da vida humana enquanto labuta diária, prenhe de imaginário, vivência, fantasias, mentiras e verdades, aparências e essências que se integram na busca da existência humana como na elaboração de uma obra de arte (FERRAZ, 2006, p.31).

Esta geografia não deve ser visualizada enquanto uma ciência dos meios, que se desenvolve no "plano da explicação e por aí se abstrai do mundo, modelizando-o" (BESSE, 2006, p.82). Esta geografia é a do olhar para o saber geográfico como expressão do "olhar viajante".

> Originalmente, o saber geográfico é a repercussão ou o prolongamento de uma experiência. A geografia é freqüentação do mundo e paixão pelo mundo na sua densidade e variedade fenomenal, ao mesmo tempo que é uma ciência do espaço. O geógrafo habita o mundo ao mesmo tempo que procura compreender-lhe as estruturas e os movimentos. (BESSE, 2006, p.82)

Assim em nossas conversamos com Ivone e Jacira, tivemos a oportunidade de acompanhá-las até o depósito para deixar o carrinho. O percurso que fazem é resumidamente Rua Santa Catarina, dobram a esquerda na Matogrosso seguindo até cruzar a Dom Geraldo Fernandez, onde a Mato Grosso se torna a rua Cuiabá, duas quadras mais e dobrando a direita na rua Belém, onde encontra-se o depósito.

A imagem que se faz da noite neste recorte da cidade é de uma paisagem do medo (TUAN, 2005), de insegurança. É assustador quando estamos sozinhos ou em um pequeno grupo, nos sentimos expostos ao risco, como que se nos tornássemos alvos fáceis para assaltantes. É comum ao caminhar depois de certas horas, evitar caminhos desertos, as ruas desertas se tornam frias e sombrias, nos aterrorizamos com qualquer ruído que aconteça. E quando não é possível desviar, fica-se atento a qualquer pessoa que apareça, todos se tornam suspeitos, mas principalmente uma pessoa com aparência sofrida, suja e mal vestida, este com certeza se tornaria um marginal a nos espreitar.

No entanto, experienciar as ruas de Londrina, acompanhado de Ivone e Jacira, não nos pareceu nada assustador. A fato de estarmos vivendo como um deles transmuta nossa relações existenciais de tempo e espaço de modo compartilhado com as deles, mesmo que de forma momentânea, durando o tempo da permanência junto deles. O que explica o fato de que depois que deixamos os carrinhos no depósito Jacira, Ivone e Frank seguiram a rua Belém até a av. Duque de Caxias onde pegaram o ônibus para casa e eu retornei para minha pelo mesmo caminho que percorremos até o depósito e a sensação de medo e insegurança voltou a fazer parte daquele trajeto. Vivenciar e partilhar do mundo-vivido dos catadores nos faz adentrar neste complexo simbólico e valorativo espacial, mas quando abandonamos este mergulho experiencial retornando para o nosso ego Sun, a experiência volta a ser de insegurança e medo, as ruas se tornam perigosas, sombrias e assustadoras. Como o imaginário coletivo social a moldou e "ditou" que deveria ser. Como se existisse mundos diferentes em um mesmo espaço.

O mundo do pesquisador é o mesmo dos catadores durante o mergulho experiencial, ao final de cada campo o pesquisador retorna para casa, que não é a casa dos catadores, mas retorna levando-os consigo em suas anotações.

Deste olhar para e com os catadores-carrinheiros compreendemos que o sentido de lugar está atrelado a vivência e a experiência de cada pessoa. Para os catadores-carrinheiros a rua e a casa se integram à paisagem urbana como lugares comuns, que se convergem e se misturam, seus significados e símbolos estão relacionados à história e ao mundo-vivido de cada catador. Adentrar neste mundo-vivido significa compreender o significado e o sentido de seus lugares. Assim uma esquina deixa de ser só uma esquina e passa a ser também um lugar onde se encontra o descanso e sossego para se tirar uma merecida sesta.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. A Poética do Espaço. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

BESSE, Jean-Marc. Ver a terra: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia, São Paulo: Perspectiva, 2006.

BOLLNOW, Otto Friedrich. O homem e o espaço (tradução Aloísio Leoni Schmid). Curitiba: UFPR, 2008.

BUTTIMER, Anne. Apreendendo o Dinamismo do Mundo Vivido, in: CHRISTOFOLETTI, Antônio, Perspectivas da Geografia, São Paulo: Difel, 1982, p. 165-193.

DA MATA, Roberto. A casa e a rua, espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1985.

DARDEL, Eric. O Homem e a Terra: natureza da realidade Geográfica. Tradução Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.

DE PAULA, Fernanda C. Geografia de bairro: territórios vividos e experiência urbana no bairro Bosque, Campinas. 87p. 2007. Monografia (Bacharelado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

DURHAM, Eunice R. A pesquisa antropológica com populações urbanas: problemas e perspectivas. In: CARDOSO, Ruth C. L. (org.) A aventura antropológica: teoria e pesquisa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. p.17-37.

ENTRIKIN, J. O humanismo contemporâneo em Geografia. Boletim Geografia Teorética, Rio Claro, v. 10, n. 19 , p. 5-30, 1980.

FERRAZ, Cláudio B. O. Uma geografia do menino – pai do homem, Cascavel Perspectiva Geográfica, n. 2, 2006, p. 21-34.

GOLDENBERG, Mirian. A arte de pesquisar: como fazer pesquisas qualitativas em ciências sociais. Rio de Janeiro: Record, 1997.

FRANGELLA, Simone Miziara. Corpos errantes urbanos: uma etnografia da corporeidade de rua em São Paulo. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2009.

GIDDENS, Anthony. Modernidade e identidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GRATÃO, Lúcia H. B. A poetica d' "O Rio" – ARAGUAIA! De Cheias… &… Vazantes… (À) Luz da Imaginação!. 2002. 354p. Tese (Doutorado em Ciências: Geografia Física) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

HEIDEGGER, Martin. Construir, Habitar e Pensar. In: _____. Ensaios e Conferências, Petrópolis: Vozes, 2002, pp. 125-141.

HOLZER, Werther. O Método fenomenológico: Humanismo e a construção de uma nova geografia. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (orgs). Temas e caminhos da geografia cultural. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010, p. 37-72.

LOWENTHAL, David. Geografia, experiência e imaginação: em direção a uma epistemologia geográfica. in: CHRISTOFOLETTI, A. (org). Perspectivas da Geografia. São Paulo: Difel, 1982, p. 104-141.

KEMP, Valéria Heloisa; CRIVELLARI, Helena Maria Tarchi. Catadores na cena urbana: construções de políticas socioambientais. Belo Horizonte: Autentica, 2008.

MARANDOLA JR., Eduardo. "Londrinas" Invisíveis: percorrendo cidades imaginárias. 2003. Monografia (Bacharelado em Geografia) – Departamento de Geociências, Centro de Ciências Exatas, Universidade Estadual de Londrina.

_____. Arqueologia fenomenológica: em busca da experiência. Terra Livre, São Paulo, v. 2, n. 25, p. 67-79, 2005.

_____. Insegurança Existencial e Vulnerabilidade no Habitar Metropolitano. Caderno de Geografia, v.18, n.29, 2008a.

_____. Habitar em risco: mobilidade e vulnerabilidade na experiência metropolitana. (2008) 2008b. 278p. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

_____. Mapeando "londrinas": imaginário e experiência urbana. Geografia (Rio Claro), v. 33, p. 103-126, 2008c.

PICKLES, John. Phenomenology, science and geography: spatiality and the human sciences. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

_____. From fact-world to life-world: the phenomenological method and social science research. In: EYLES, John e SMITH, David (orgs.). Qualitatives methods in human Geography. Oxford: Polity Press, 1988. p. 233-255.

RELPH, Edward. An inquirity into the relations between phenomenology and geography. Canadian Geographer, v.14, n.3, p.193-201, 1970.

_____. Place and placelessness. London: Pion, 1976. 156p.

_____. Humanism, phenomenology, and geography. Annals of the Association of American Geographers, v.67, n.1, p.177-179, 1977.

_____. As bases fenomenológicas da Geografia. Geografia (Rio Claro), Rio Claro, v.4, n.7, p.1-25, 1979.

SOKOLOWSKI, Robert. Introdução à Fenomenologia. São Paulo: Loyola, 2004.

SEAMON, David. Body-subject, time-space routines, and place-ballets In: BUTTIMER, Anne; SEAMON, David (orgs.). The human Experience of Space and Place. Nova Yorque: St. Martin's Press, p. 148-165, 1980.

REIS, Deyvid F. O Sentido de Lugar para os Catadores-Carrinheiros da Cidade de Londrina (PR). 2010. Monografia (Bacharelado em Geografia) – Departamento de Geociências, Centro de Ciências Exatas, Universidade Estadual de Londrina.

TUAN, Yi Fu. Espaço e lugar: a perspectiva da experiência. (trad. Lívia de Oliveira) São Paulo: Difel, 1983.

_____. Paisagens do Medo. São Paulo: Unesp, 2005.

ZALUAR, Alba. Teoria e prática do trabalho de campo: alguns problemas. In: CARDOSO, Ruth C. L. (org.) A aventura antropológica: teoria e pesquisa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. p.107-125.